

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS

MARIA NATALICE DE MOURA CARVALHO

**A VARIAÇÃO ENTRE “NÓS” E “A GENTE” NOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 7º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA CIDADE DE SUSSUAPARA-PI.**

Picos, 2015

MARIA NATALICE DE MOURA CARVALHO

**A VARIAÇÃO ENTRE “NÓS” E “A GENTE” NOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 7º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA CIDADE DE SUSSUAPARA-PI.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Federal do Piauí/CSHNB,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Letras - Português.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Egito de Souza
Barros

Picos

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

- C331v** Carvalho, Maria Natalice de Moura.
A variação entre “nós” e “a gente” nos textos dos alunos do
7 ° ano do ensino fundamental II na cidade de Sussuapara-PI /
Maria Natalice de Moura Carvalho. – 2015.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (43f.)
- Monografia(Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do
Piauí, Picos, 201.
- Orientador(A): Prof. Ms. Luiz Egito de Souza Barros
1. Variação Linguística. 2. Preconceito Linguístico. 3.
“A gente”. “Nós”. I. Título.

CDD 469

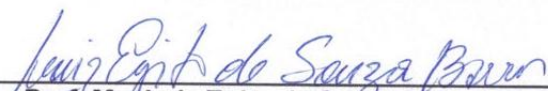
MARIA NATALICE DE MOURA CARVALHO

**A VARIAÇÃO ENTRE “NÓS” E “A GENTE” NOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 7º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA CIDADE DE SUSSUAPARA-PI.**

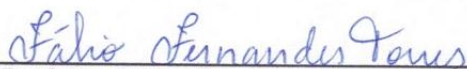
Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado ao Curso de
Letras da Universidade Federal do
Piauí/CSHNB, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Letras - Português.

Aprovado em: 10 / 07 / 2015

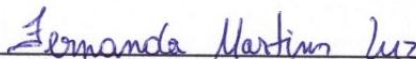
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Luiz Egito de Souza Barros (Presidente)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres (1ª Examinador)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Profa. Ms. Fernanda Martins Luz (2ª Examinadora)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me dado saúde, força e coragem para chegar até aqui e por ter iluminado meu caminho nesta longa caminhada, pois sem ele seria impossível.

Aos meus pais, irmãos e em especial a meu esposo Janio Marcos Leal, pela compreensão, por suas palavras de apoio, incentivo e amor que não mediu esforços para que eu conseguisse realizar esse sonho e chegar a esta etapa tão importante da minha vida.

Ao meu tão admirado orientador Luiz Egito de Souza Barros pelos seus ensinamentos durante todo o curso, pela paciência que teve comigo durante as orientações; você foi de grande importância para minha formação durante todo o curso; posso dizer com plena certeza que a minha formação, inclusive pessoal não teria sido a mesma sem tê-lo tido como professor.

A todos os professores que tive durante o curso, pois estes foram de grande importância para o meu crescimento acadêmico em especial ao professor Fábio Fernandes Torres por ter ajudado durante a elaboração do meu projeto.

As amigadas que fiz durante o curso em especial as minhas grande amigas Antônia Maria, Juliana, Danielle e Aureliana pela parceria nos trabalhos, por estarem sempre ao meu lado, compartilhando os momentos bons e ruins durante esses anos.

SUMÁRIO

1.0	INTRODUÇÃO.....	10
2.0	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1	Sociolinguística variacionista.....	16
2.1.1	Tipos de variação.....	17
2.1.2	Variação e mudança	18
2.1.3	Variação e ensino de língua materna.....	18
2.1.4	Norma Padrão e Culta.....	19
2.2	“NÓS” E “ A GENTE”.....	20
2.2.1	Concordância verbal.....	21
2.3	Preconceito linguístico.....	22
3.0	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1	Corpus.....	24
3.1.1	Universo da pesquisa.....	24
3.1.2	Sujeitos da pesquisa.....	24
3.1.3	Instrumentos da pesquisa e procedimentos de análise.....	24
4.0	ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	25
4.1	Análise dos textos produzidos pelos alunos.....	25
4.2	Análise das respostas dos alunos às perguntas do questionário.....	28
5.0	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantidade de ocorrência das variáveis “ <i>nós</i> ” / “ <i>a gente</i> ”.....	25
Tabela 2. Análise das formas “ <i>nós</i> ” e “ <i>a gente</i> ”, quanto à concordância verbal.....	27
Tabela 3. Frequência de alunos que dizer ter ou não conhecimento do que é variação linguística.....	28
Tabela 4. Frequência de alunos que escrevem ou não da mesma forma um texto escolar ou para um amigo.....	29
Tabela 5. Resposta dos alunos sobre a diferença entre o texto escolar e o bilhete para um amigo.....	30
Tabela 6. Frequência de alunos que acham que eles e seus colegas escrevem certo ou errado.....	30
Tabela 7. Respostas dos alunos sobre o que acham de alguém que escreve “ <i>nós vai</i> ” ou “ <i>a gente fomos</i> ”.....	31
Tabela 8. Respostas dos alunos sobre o que acham de alguém que fala usando as formas “ <i>nós vai</i> ” ou “ <i>a gente fomos</i> ”.....	32
Tabela 9. Respostas dos alunos explicando o porquê de responderem a questão anterior como errada.....	33
Tabela 10. Respostas dos alunos sobre qual é a forma mais correta para se usar em uma frase, “ <i>nós</i> ” ou “ <i>a gente</i> ”.....	35
Tabela 11. Respostas dos alunos sobre qual construção acham mais correta, “ <i>Nós somos estudantes</i> ” e “ <i>A gente é estudante</i> ”.....	36
Tabela 12. Respostas dos alunos sobre qual das duas construções usariam se estivessem falando com uma autoridade ou escrevendo um documento, “ <i>Nós somos estudantes</i> ” ou “ <i>A gente é estudante</i> ”.....	37

RESUMO

Este trabalho analisou a variação entre os pronomes “*nós*” e “*a gente*” e suas consequências para a concordância verbal nos textos dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, do Ginásio Municipal de Sussuapara – PI, e discutiu o preconceito linguístico em relação ao uso dessas variantes e de sua respectiva concordância verbal. Possuindo um referencial teórico ancorado sobre os pressupostos da teoria da Variação e Mudança linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006; MOLLICA et alli, 2008), e do preconceito linguístico Bagno (1999), além da variação na língua materna à luz de Bortoni-Ricardo (2004). A variação Linguística é fato inegável e facilmente percebido no uso efetivo das línguas e vários estudos na área têm mostrado que mudanças vêm acontecendo. Nesse sentido a alternância entre o pronome “*nós*” e o “*a gente*” na língua brasileira é comprovada em vários estudos, além de sua influência sobre a concordância verbal. Então este trabalho se justifica por contribuir com o estudo da variação linguística do “*nós*” e “*a gente*”, pois não existem ainda estudos que tratem do comportamento dessas variantes, na escrita de alunos da referida cidade, possibilitando uma futura comparação com as escritas de alunos de escolas de outras cidades, ou outros estados e contribuir com os estudos sobre essas variantes pronominais e suas consequências no plano sintático. Os resultados mostraram que a frequência de uso do “*nós*”, se sobressai sobre o “*a gente*”, e que a concordância verbal sofre influência dessa variação, além de que o uso da variante “*a gente*” sofre preconceito por parte dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Alunos. Variação linguística. “*Nós*” e “*A gente*”. Concordância verbal. Preconceito linguístico.

1.0. INTRODUÇÃO

Esse trabalho possui um referencial teórico ancorado sobre os pressupostos da teoria da Variação e Mudança linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006; MOLLICA et alli, 2008), pois analisou-se a variação que ocorre no uso dos pronomes “*nós*” e “*a gente*” e suas consequências na concordância verbal nos textos dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, do Ginásio Municipal de Sussuapara – PI, tendo como objetivos específicos a análise da frequência de uso da alternância entre os pronomes “*nós*” e “*a gente*” como primeira pessoa do plural, e a influência desta alternância na construção da concordância verbal. Observou-se, também, com base em Bagno (1999), a existência de Preconceito Linguístico e, a partir daí, discutiu-se este, na prática diária de alunos, bem como suas consequências para o aprendizado de língua materna, a qual foi analisada à luz de Bortoni-Ricardo (2004).

Este trabalho leva em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos no condicionamento das formas em variação, e como um dos fatores de condicionamento é a escolha entre os pronomes sujeito “*nós*” e “*a gente*”, o uso da teoria da variação fez-se necessária, já que seu objeto de estudo é variação na língua, inclusive nas suas manifestações escritas no contexto social da sala de aula.

Já que a heterogeneidade da língua é fator importante na identificação de grupos e de diferenças sociais na comunidade, então a inexistência de heterogeneidade é tida como disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006, p.101).

A variação linguística é fato inegável e facilmente percebido no uso efetivo das línguas, que tem se tornado tema de muitos estudos nos últimos anos, pois segundo Signorini (2002, p.77) “A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo; é acima de tudo a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca.” O processo de variações traz para a língua, formas novas, que aos poucos, vão se inserindo na língua, enriquecendo suas formas de expressão e, com o passar do tempo, podem provocar mudanças no sistema, ou seja, contribuir para a evolução desta. Andrade júnior (2011, p.4) diz que “a variação linguística acontece, nos mais diversos níveis da língua, a saber: variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical e variação estilística”. Para Dubois

(1973, p. 609), chama-se variação o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social.

Toda variação linguística segue o caminho natural das línguas, que estão em constante mudança e a este respeito Bagno (1961, p.37) diz que “não são as variedades linguísticas que constituem “desvios” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável, ao contrário: a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é que representa um controle dos processos inerentes de variação e mudança, um refreamento artificial das forças que levam a língua a variar e a mudar — exatamente como a construção de uma barragem, de uma represa, impede que as águas de um rio prossigam no caminho que vinham seguindo naturalmente nos últimos milhões de anos”. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) referem-se às variações como sendo parte constitutiva da língua humana e que sempre existiram e sempre vão continuar existindo.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p. 29).

Os PCNs mostram a importância das variações na língua, deixando claro que elas não só ocorrem, como têm o poder de se multiplicar entre os falantes, tornando-se parte da língua.

As gramáticas da Língua Portuguesa apresentam como pronomes-sujeito, *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós* e *eles*. Vários estudos na área têm mostrado que mudanças vêm acontecendo e que apesar de ainda não estarem presentes nas gramáticas, elas já fazem parte da língua. É o caso da expressão nominal “*a gente*” representando a primeira pessoa do plural. Albán e Freitas (1991) estudaram o uso das formas pronominais, na função sintática do sujeito, relacionando-os com as variáveis, faixa etária, a atitude assumida no diálogo e momento da elocução.

A alternância entre o pronome “*nós*” e o “*a gente*” na língua brasileira é comprovada em estudos de Omena (1996); Menon (1995, 2001); Albán e Freitas, (1991, 1991a, 1991b) entre outros, que estudaram o uso da expressão sujeito “*a gente*” como forma pronominal sujeito de primeira pessoa, concorrendo com “*nós*”.

De acordo com Faraco & Moura (2000: 284), “*nós*” é pronome sujeito da primeira pessoa do plural, representa quem fala ou quem escreve de quem parte o discurso. Benveniste (1976) discutiu categorias linguísticas, entre elas a categoria de pessoa, o pronome pessoal “*nós*”, e o considerou como uma junção entre o *eu* e o *não eu*, um eu ampliado, ou seja, ele admite que o pronome “*a gente*”, que substitui o “*nós*”, é bem mais abrangente, podendo representar o eu + você, eu + ele, eu + vocês, eu + eles, eu + mais todo mundo, eu + qualquer um, etc.

Em pesquisas com dados de fala, como a de Omena (1996), com dados do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, Albán E Freitas (1991, 1991a, 1991b), que utilizaram dados do projeto NURC - Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil - da cidade de Salvador, Lopes (1993) também com dados de informantes cariocas, e Menon (1994), com dados do NURC/São Paulo e outros trabalhos em 1995 e 1996, demonstra-se a alternância entre o “*nós*” e o “*a gente*” como expressão de primeira pessoa do plural, constituindo-se em uma das variáveis linguísticas apresentadas no atual paradigma das formas pronominais na língua no Brasil. Machado (1995) em estudos em outras regiões do país sobre os pronomes “*nós*” e “*a gente*”, mostra não se tratar somente de uma variação, mas de uma tendência à mudança, apontando para uma gramaticalização. Meillet (1912, *apud* CASTILHO, 1997:10) em seus estudos, já tratava sobre o termo gramaticalização, mostrando que esse não é um fenômeno novo. Omena & Braga (1996) e Menon (1996), apontam em seus estudos para uma gramaticalização gradual da forma “*a gente*”, uma vez que essa forma pronominal herdou a referência indeterminadora, genérica e a noção coletiva do substantivo “*a gente*”, noção que também pode ser expressa pelo “*nós*”.

Segundo Faraco E Moura (2000, p.287) "A norma culta da língua tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial". Percebe-se então que, embora haja diferentes trabalhos já realizados sobre a variação “*nós*” e “*a gente*” na norma culta, seus exemplos são ignorados pelos autores das gramáticas. Mas apesar disso, a gramática normativa tenta passar para as pessoas a língua culta, ou

seja, escolhe as construções ditas privilegiadas pela sociedade, mas mesmo assim reconhece essas variações e as aceita, sendo rejeitadas pelos gramáticos que as estigmatizam, por, para eles soarem feias.

A alternância entre os pronomes “*nós*” e “*a gente*” tem influência significativa sobre a concordância verbal, ratificada pelos estudos de Naro et al. (1999), que investigam a concordância verbal com sujeito “*nós*” ou “*a gente*” na fala da cidade do Rio de Janeiro, considerando-se as variantes: a) “*nós falamos*” /fala; b) “*a gente fala*” /falamos; c) zero fala/falamos, seus resultados foram: 2.160 ocorrências de formas verbais com o sujeito “*nós*” e a desinência –mos e das 877 formas verbais com o sujeito “*a gente*”, 183 apareceram com –mos. Rodrigues (1992) investigou a língua popular falada na periferia de São Paulo (Zona Oeste, Carombé) por informantes que pertenciam a uma comunidade de favelados, constituída por analfabetos ou semi-escolarizados, discutindo a variação na concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural, em que a autora obteve 693 dados de 1ª pessoa, sendo 372 (53%) com desinência - mos e 321 (47%) sem desinência, neste estudo dois fatores foram discutidos, um linguístico e o outro social. Então conforme Guy (1981), Bortoni-Ricardo (1985) e Rodrigues (1992), os falantes estão adquirindo as desinências números-pessoais que encontram na fala urbana e estão, simultaneamente, aprendendo na escola as desinências da língua padrão.

O ensino da língua materna nas escolas é indispensável na formação dos alunos, para isso “o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa” (BRASIL, 1998, p. 82). Os PCN’s definem “a língua portuguesa como unidade composta de muitas variedades” (1998, p. 81). A língua é fruto das variações linguísticas, que por sua vez são produtos das diversidades sociais e culturais. Assim, Bagno (1961, p. 139) afirma que “A variação linguística precisa ser estudada como fato social e cultural, naquilo que ela é na riqueza que representa e como reveladora do dinamismo da língua”.

A língua oficial da maioria dos brasileiros é a Portuguesa. Desde criança, a usamos e não foi preciso que alguém se sentasse junto a nós e nos ensinasse primeiro os sons, depois as sílabas, as palavras, as frases, nem foi preciso que

decorássemos regras da estrutura da língua para que pudéssemos ser compreendidos (BRAGGIO, 1999, p. 55).

Nas escolas, o ensino de língua revela especificidades pouco ou mal reconhecidas e, na maioria das vezes, quando mencionadas, se destinam a condenar os supostos “erros” cometidos pelos brasileiros ao falarem ou escreverem. Para isso tem sido proposto o uso do termo norma-padrão para designar o conjunto de regras gramaticais padronizadas e erigidas como modelo a ser seguido para o “bom uso” da língua (LUCCHESI, 2002; FARACO, 2002; cf. BAGNO, 2003).

Devido à língua ser um sistema heterogêneo e estar em constante mudança, além de ser fruto das intervenções sociais, o universo de pesquisa escolhido foi uma escola pública de Ensino Fundamental de uma cidade pequena, pois estas conseguem reunir alunos de diferentes camadas sociais, culturais e econômicas, além de serem locais de construção de conhecimento. Todos estes fatos a tornam um ambiente propício para obtenção dos dados a que se propôs este estudo.

Este trabalho monográfico ganha relevância por buscar elementos que contribuam para o estudo da variação entre as formas pronominais “*nós*” e “*a gente*” entre alunos do Ensino Fundamental II da cidade da Sussuapara –PI, já que não existem ainda estudos que tratem do comportamento dessas variantes, na escrita de alunos da referida cidade. Esse estudo teve como finalidade preencher essa lacuna, possibilitando uma futura comparação com as escritas de alunos de escolas de outras cidades, ou outros estados, além de contribuir com os estudos sobre a variação “*nós*” e “*a gente*” e suas consequências no plano sintático.

Este trabalho é dividido em cinco capítulos, assim distribuídos: introdução, fundamentação teórica, procedimentos metodológicos, análise dos dados e interpretação dos dados e as considerações finais. O primeiro é a introdução, onde se faz uma abordagem geral sobre a pesquisa, contendo os objetivos, geral e específicos, além da justificativa. Já no segundo capítulo, a fundamentação teórica, está todo o embasamento necessário, usado na elaboração do trabalho, abordando a Sociolinguística Variacionista, seus tipos, a variação e a mudança, a variação no ensino da língua materna, abordando, ainda, o pronome sujeito “*nós*” e o pronome “*a gente*”, além de explorar as consequências para o fenômeno da concordância verbal decorrente do uso dessas variantes pronominais. Expôs-se ainda algumas idéias sobre preconceito linguístico. No terceiro capítulo, estão os procedimentos

metodológicos, contendo assim, todos os métodos utilizados durante a pesquisa. Neste pode-se saber qual o universo da pesquisa, os sujeitos com os quais a pesquisa foi realizada, tais como os instrumentos usados para a coleta de dados e os procedimentos de análise. No quarto capítulo, na análise de dados e interpretação dos resultados, estão contidos todos os dados obtidos, além da interpretação destes. Por fim, no quinto capítulo, estão as considerações finais, nas quais estão os comentários e interpretações dos dados, uma comparação dos textos escritos com as respostas dos questionários, além de retomar os objetivos, relacionando-os com os resultados, com a justificativa e com as hipóteses.

2.0. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Sociolinguística Variacionista

A língua de um povo é o mais forte vínculo na relação entre língua e sociedade, que se manifesta por meio da escrita e da fala, e todos esses fatores, por sua vez, dependem do contexto social. Nesse sentido, a Sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade, incluindo suas variações.

A Teoria Variacionista se constitui da proposta por Labov (1972), segundo a qual, a natureza variável da língua, é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico do ser humano.

Segundo Labov (1972, p.183), a língua é uma forma de comportamento social, usada por indivíduos em um contexto social para manifestar suas emoções, idéias e necessidades, ou seja, ele vê a língua como um sistema heterogêneo e crê que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala. E os estudos empíricos por sua vez possibilitam o conhecimento e a sistematização de usos.

Então, ao se pensar a Sociolinguística Variacionista, busca-se um melhor entendimento das variações que ocorrem devido às pressões sociais nas comunidades de falantes.

A partir de Weineich, Labov e Herzog, percebe-se que o objetivo da Sociolinguística é descrever a língua em relação aos seus condicionantes linguísticos e sociais. Assim, surgiu na década de 60 a Teoria da Variação ou Sociolinguística quantitativa, que levava em conta a variação decorrente das diferenças sociais presentes nas comunidades de fala.

A Teoria da Variação enfatiza a variabilidade e concebe a língua como instrumento de comunicação usado por falantes de uma comunidade. Tem por objetivo explicar o processo de mudança linguística em decorrência de diversos fatores linguísticos, variáveis internas à língua, e sociais, que constituem as variáveis externas, que são relacionadas com as características sociais do falante, como idade, sexo, grau de escolaridade etc. (LABOV, 1994, p.09).

Para Figueroa (1996), a Teoria da Variação linguística pode ser caracterizada como: o estudo das características das variedades lingüísticas, das características

de suas funções e das características de seus falantes e de como interagem e mudam numa comunidade.

2.1.1 TIPOS DE VARIAÇÕES

Segundo Preti (2000, p. 17), há três espécies de variações extralinguísticas: Geográfica ou diatópica, que envolve as variações regionais; sociológicas ou diastrática, que compreendem as variações decorrentes da idade, sexo, profissão grau de estudo e etc.; contextuais ou diafásicas, que são aquelas determinadas por diferenças na linguagem do locutor, por influências alheias a ele, como por exemplo, o lugar do diálogo e o tipo do ouvinte.

As variações diatópicas são aquelas que revelam o local de onde veio, ou mora o locutor, como por exemplo, do meio rural ou urbano, através do sotaque, ou da diferença no léxico. Essa variação pode ser evidenciada, por exemplo, pela diferente pronúncia do fonema /r/, em regiões paulistas e nordestinas. Além disso, pode-se perceber essa variação quando observamos a variação entre o “*nós*” e o “*a gente*” tanto na fala como na escrita. Segundo Castilho (2010, p. 198), “de todas as variedades do português, a variedade geográfica é a mais perceptível”.

As variações diastráticas são decorrentes de diferenças sociais. Segundo Castilho (2010, p. 204), analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. Analfabetos usam preferencialmente o “português popular”, ou variedade não culta. Pessoas escolarizadas usam com mais frequência o “português culto”, ou variedade padrão, aprendida na escola ou no ambiente familiar. Pode-se observar essa variação na pronúncia do fonema // em contexto intrassilábico, onde ocorre com frequência o fenômeno fonético denominado rotacismo, ou seja, a transformação do [l] em [r], ao se pronunciar [‘krasi] “*crasse*”, ao invés de *classe*.

As variações diafásicas, segundo Castilho (2010), abrangem as diferenças entre a escrita e a fala. Para ele a comunicação linguística pode ocorrer em presença do interlocutor, quando falamos, ou na sua ausência, quando escrevemos. Isso nos leva à variação de canal, a língua falada e a língua escrita. Sendo, portanto, a variação resultante do uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua, por exemplo, quando um indivíduo está falando com uma autoridade e faz uso de uma linguagem mais formal, ou ao contrário, com um amigo e usa uma linguagem informal. Esta variação depende do monitoramento do locutor.

2.1.2 Variação e Mudança

A mudança é um fenômeno próprio da língua e resultado das pressões sociais. Ao longo do tempo, as variações que a própria comunidade realiza se estabelecem e se perpetuam. Daí à necessidade de se estudá-las, observando os mecanismos linguísticos e/ ou sociais com as quais se relacionam, e até mesmo como se difundem através do tempo.

Segundo Bram (1968), as mudanças em uma língua ocorrem quando os usuários de uma determinada região, extrato social ou nível intelectual sentem necessidade de modificar alguma forma de expressão.

Para Weineich, Labov e Herzog (1968, p.186 – 187), a mudança linguística acontece quando a variante se generaliza em um determinado grupo da comunidade, adquirindo certo significado social.

Segundo Labov (1972), o processo de variação e mudança pode ser explicado através de estágios de variação. Num primeiro estágio, surge a variação entre duas entidades linguísticas; no segundo estágio, essa variação pode ser imitada e difundida de modo que formas novas convivam com formas antigas da língua; num terceiro e último estágio, uma das duas formas desaparece, concluindo a regularidade do sistema.

A mudança sempre requer um período de transição, de variabilidade, de competição entre estruturas e de divergência dentro da comunidade do falante. No entanto, não é um processo fácil de observar, é necessário observações com base em amostras de dados coletados dentro das comunidades de falantes (SANKOFF, 1988, p. 147 e 154).

2.1.3 Variação Linguística e o Ensino da Língua Materna

Para a Sociolinguística Variacionista, as variações não devem ser tratadas com preconceito, já que ela tenta dar explicações plausíveis para todas as ocorrências e uso da língua. A escola é uma das instituições responsáveis por amenizar qualquer preconceito que possa ser gerado por conta dessas variações, e, assim, lutar contra o preconceito linguístico, “Trata-se de aceitar que se utilizem também nos textos escritos formas linguísticas mais informais (o que não quer dizer aceitar todas), que, em geral, consideramos aceitáveis apenas na fala” (POSSENTI, 1996, p.41).

Bortoni–Ricardo (2006, p.14) diz que a escola é norteadora para ensinar a língua da cultura dominante e tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. Mas, segundo os PCNs da Língua Portuguesa, o ensino gramatical desarticulado dos usos, não se justifica e o trabalho com a gramática não deve se pautar no mito de que existe uma forma correta de falar (BRASIL, 1998).

De acordo com Antunes (2002), deve-se alterar a concepção de gramática e a concepção de seus limites na semântica das atuações verbais para se conseguir sucesso ao se ensinar a língua. O professor de Língua Portuguesa deve contribuir significativamente para que o aluno amplie sua competência no uso oral e escrito através da leitura, da produção de relatórios, resumos, artigos, poemas, crônicas, por exemplo. Mas, para isso o professor não deve ignorar e nem interferir no sujeito aprendiz, na sua construção e no conhecimento que tem da língua.

Conforme Bortoni-Ricardo (2006, p.130), faz-se necessário o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral. Bagno (1999, p.168) afirma que ensinar bem é ensinar para o bem e que ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ela fala sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir é elevar e não rebaixar a autoestima do indivíduo. Somente assim, no início de cada ano letivo, este indivíduo poderá comemorar a volta às aulas, em vez de lamentar a volta às aulas.

2.1.4 Norma Padrão e Norma Culta

Já que o corpus da pesquisa foi obtido a partir da análise de textos escritos por alunos, em um ambiente escolar, e este requer textos com certo nível de formalização, o que é próprio dessa modalidade linguística, e que, além disso, a escola utiliza como base para o ensino da língua, a norma padrão, tentaremos fazer aqui a distinção entre a norma culta e a norma padrão.

As escolas ensinam aos alunos, e estes adquirem a consciência de que a escrita é regulamentada por regras, e a partir daí, produziram textos homogêneos, resultantes de uma situação de interação igual. Para FARACO (2008, p.75), “A

norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística.”, ou seja, para ele, o uso da norma padrão vem a servir como referência para o uso da língua em sociedades onde as variações estão presentes, principalmente na escrita.

2.2. “NÓS” E “A GENTE”

Ao elegermos como objeto de estudo do nosso trabalho a alternância no uso das formas “*nós*” e “*a gente*”, como marcas de primeira pessoa do plural, observando como as gramáticas tratam essas variantes.

Segundo Faraco & Moura (2000, p. 284), “*nós*” é pronome sujeito da 1ª pessoa do plural, representa quem fala ou quem escreve, ou seja, de quem parte o discurso. E trata “*a gente*”, separadamente, considerando-o como pronome pessoal e admitindo que este, em linguagem coloquial pode substituir o uso de “*nós*”.

Bechara (1999, p. 166) afirma que o substantivo gente, precedido do artigo a e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome.

Para Cunha e Cintra (2007, p.283), o “*a gente*” usado como representação da 1ª pessoa, na linguagem coloquial substitui “*nós*” e também eu.

Benveniste (1976) considera o pronome pessoal “*nós*” como uma junção entre o eu e o não eu, sendo, portanto, um eu ampliado, que a forma no plural nós, substitui a forma no singular eu, indicando um grupo de pessoas, no qual se inclui o locutor.

Figueiredo (1973 apud Menon, 1994 p.190), dicionarista português, define gente como “quantidade de pessoas: encontrei muita gente” e a gente como população: “*a gente*” daquela terra.

Caldas (1958), no verbete gente, registra “*a gente*” indicando o significado nós e explica que o povo é quem usa "este nome singular" fazendo a concordância no plural, ex.: a gente fomos ali, a qual ele considera "contra o bom senso gramatical".

O pronome pessoal “*a gente*” vem sendo muito usado para substituir o pronome pessoal “*nós*”, com mesma função, podendo ser corroborado pelas pesquisas de Albán e Freitas (1991, 1991a, 1991b,), com dados dos estudos de

Menon (1994) que demonstraram que o pronome pessoal “*a gente*” vem substituindo o pronome pessoal “*nós*” no uso como 1ª pessoa do plural.

2.2.1. CONCORDÂNCIA VERBAL

As variações dos pronomes sujeito influenciam a concordância verbal e esta influência pode ser notada nas falas das pessoas e na escrita, já que muitas pessoas escrevem como falam como afirma Perini (2004, p. 53), ao dizer que existem pessoas que sustentam que a manifestação básica, fundamental, da língua é a fala, e a escrita não passa de uma representação gráfica dessa mesma fala.

A gramática normativa não reconhece as variações e conseqüentemente essa influência sobre a concordância verbal. Bechara (2004, p. 543) define Concordância verbal como aquela “que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”. Este mesmo gramático divide o estudo da concordância verbal em três partes: Concordância de palavra para palavra; concordância de palavra para sentido, feita quando o sujeito simples é um nome ou um pronome que tem uma ideia de coleção ou grupo: “A gente vamos” e os outros tipos de concordância. Ele ainda destaca a flexibilidade ao dizer que “é preciso estar atento à liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece” BECHARA (2004, p. 543).

Podemos destacar a chamada concordância ideológica ou silepse, segundo a qual o verbo concorda com o sentido e não com o sujeito. Segundo Savioli (1995), “Silepse é a figura de linguagem que consiste em se efetuar a concordância com palavras ou noções pressupostas na frase, e não com as palavras explícitas”.

Podem ocorrer três formas de silepse: de número, um termo no plural concordando com outro no singular, ou vice-versa, de gênero, masculino concordando com feminino e de pessoa, verbo em uma pessoa e sujeito em outra, ou vice-versa, IASBECK (2002).

No Português Brasileiro Padrão, a presença do pronome “*nós*” exige a desinência número-pessoal - *mos*; e a presença do pronome “*a gente*” exige a terminação de 3ª pessoa do singular. Já Cunha e Cintra (2001, p.633) destacam que no português popular, tanto no europeu quanto o do Brasil, a expressão “*a gente*”

pode levar o verbo para a 1ª pessoa do plural, o que se caracteriza como um caso de silepse de número.

Bechara (1999, p.555) e Ribeiro (1992, p.170) consideram a possibilidade de concordância que se faz pela idéia, e não pela forma dos vocábulos, desde que haja relativa distância entre o sujeito coletivo e o verbo no plural.

Daí parte o interesse em se verificar essa influência sobre os escritos dos alunos, pois a gramática reconhece essa influência, mas a trata como forma errada, por ser julgada estigmatizada socialmente e ser estilisticamente feia.

A maioria das pessoas entende que o ensino da Língua Portuguesa privilegia a norma culta, mas ele não enfoca, no seu sentido real, e isso acontece pelo fato de ser confundida com norma padrão. Faraco (2008, p.73) diz que norma culta “Designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita.”.

2.3. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A variação linguística é um processo intrínseco à língua, e o uso das variedades se relaciona intimamente com os processos sociais. Nesse sentido, as variedades são ordenadas refletindo a hierarquia dos grupos sociais e, a partir daí, surgem variedades tidas como superiores e outras como inferiores. Gnerre (1985), apud Alkimim (2001, p.39), a esse respeito, explica que uma variedade vale, na sociedade, o que valem seus falantes.

Nessa perspectiva, o preconceito linguístico surge quando os usuários da língua utilizam certas variantes que são avaliadas como inferiores, gerando julgamentos depreciativos, desvalorizando e estigmatizando essas variantes. Essa estigmatização, não é da variante em si, mas do grupo social que a utiliza, pois segundo Monteiro (2000: 65), “o preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminadora”.

Na escola, este preconceito aparece quando passamos a observar conceitos de certo ou errado, e de norma padrão ou não padrão, e estes conceitos são ditados pela gramática tradicional e livros didáticos, fazendo com que persista o preconceito linguístico. Conforme Bagno (2003),

A gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores, fechando o círculo, recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua. (BAGNO, 2003c, p. 73-4)

Para Bagno (2003), a gramática tradicional, ao ditar as normas de ensino, traz para dentro da sala de aula conceitos como o de certo ou errado, de norma padrão e norma culta e ao fazer isso ele acaba por influenciar o preconceito em relação aos usos da língua materna.

Nesse mesmo sentido, Cagliari (2000, p.82) discute sobre como as avaliações e julgamentos que as pessoas fazem da língua revelam seus preconceitos, pois trazem estigmas para essa. Diz ainda que a escola orienta-se culturalmente e historicamente para ensinar a língua da cultura dominante, incorporando esse comportamento preconceituoso da sociedade, rotulando seus alunos pelos modos de falar e escrever.

3.0 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. CORPUS

3.1.1. Universo da Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Ginásio Municipal de Sussuapara, o qual está localizado em uma pequena cidade da microrregião de Picos-PI, a cidade de Sussuapara, que fica a aproximadamente 310 quilômetros de distância da capital Teresina, com uma população aproximada de seis mil habitantes, que vivem basicamente da agricultura. A escola na qual a pesquisa se realizou funciona no período de manhã, tarde e noite com as séries de 6º a 9º ano.

3.1.2. Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos escolhidos, para a realização da coleta do corpus da pesquisa são os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, estes, pertencentes à faixa etária de 13 a 15 anos de idade, provenientes, em sua maioria de uma classe média, filhos de pais agricultores, tendo acesso a alguns meios de cultura, como televisão e internet, mas em contrapartida, não possuem o hábito da leitura.

3.1.3. Instrumentos da Pesquisa e Procedimentos de Análise

A pesquisa foi realizada através de análise de produções escritas de 20 alunos do 7º ano do Ginásio Municipal de Sussuapara-PI. Foi proposto a estes que produzissem textos escritos em forma de narrativa que relatasse alguma atividade realizada com amigos. Posteriormente foi aplicado um questionário com 19 alunos, com o intuito de verificar se as variações em estudo geram de alguma forma preconceito por parte dos alunos.

Para a análise dos textos, primeiramente procurou-se observar a quantidade de contextos possíveis de ocorrência do uso dessas variantes “*Nós*” e “*a gente*” existentes nos textos, em seguida contabilizou-se a frequência de uso de cada uma dessas variantes dentro desses possíveis contextos, depois se passou a verificar a quantidade de uso, e a contabilizar no uso do “*nós*” ou “*a gente*” quantos alunos faziam a concordância e quantos não faziam.

Depois para a análise dos questionários, foram feitas 9 perguntas para os alunos, a fim de identificar em suas respostas, possíveis manifestações de preconceito quanto aos usos das formas pronominais “*Nós*” e “*A gente*”.

A pesquisa foi dividida em duas etapas:

- Na primeira etapa, foi pedido aos alunos que produzissem um texto escrito, e estes foram analisados, para observar se continham ou não as variantes em estudo, além da frequência em que eram usadas. Em seguida, foram analisadas também, essas variações, com relação à concordância verbal, ou seja, se aparecessem às variações em estudo, se a concordância entre o sujeito e o verbo, foi realizada de acordo com a norma padrão;
- Na segunda etapa foi aplicado um questionário, composto por nove questões, aos alunos, com o intuito de se analisar se o uso dessas variações por eles geram alguma forma de preconceito.

4.0 ANÁLISES DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 – ANÁLISE DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS.

A partir da análise de 19 textos produzidos pelos alunos do sétimo ano do ensino fundamental II do Ginásio Municipal de Sussuapara - PI foram obtidos 122 ocorrências com as formas “*Nós*” e “*a gente*”. Destas, 84 ou 68,85 % foram com a forma “*Nós*” e 38 ou 31,15 % com “*a gente*”, como pode ser observado na **TABELA 1**.

TABELA 1. Quantidade de ocorrências das variáveis “*Nós* e “*A Gente*”.

	Quantidade de ocorrências	Quantidade de ocorrências em %
Contextos possíveis de ocorrências de “<i>nós</i>” e “<i>a gente</i>”	122	100 %
Ocorrências de “<i>nós</i>”	84	68,85 %
Ocorrências de “<i>a gente</i>”	38	31,15 %

Os resultados mostraram que a variante padrão “*Nós*” teve mais ocorrência nos textos que a variante “*a gente*”, isso, possivelmente, porque a análise se deu em textos escritos e geralmente estes tendem a ser redigidos com maior cuidado e de acordo com a norma padrão. A escola é responsável por ensinar aos alunos a norma padrão, e reforçar a idéia para eles de que os desvios da língua são errados, então por se tratar de um texto escolar, os alunos se policiam mais, na tentativa de escrever melhor.

Além do mais, quaisquer desvios, “erros”, em textos escritos são mais perceptíveis e tendem a serem motivos de chacotas por outros alunos ou até mesmo pelo próprio professor, sendo outro motivo para o esmero na hora de escrever. O “*Nós*” é uma variante de prestígio, ou seja, variedade ensinada nas escolas e preconizada pelos gramáticos gozando de aceitação social, enquanto que a variante “*a gente*”, apesar de muito utilizada na linguagem coloquial, não é muito aceita pelos gramáticos e pela norma culta.

Esta aparece nos textos dos alunos, possivelmente pela dificuldade que eles têm de separar a linguagem culta da linguagem popular. Além de que o “*a gente*” já vem sendo muito utilizado na fala e conseqüentemente acaba por ser utilizada também em uma escrita mais informal, sendo aceita por alguns por ser uma variante consagrada pelo uso.

O pronome “*a gente*” é empregado em várias situações de comunicação, e muitas vezes são usadas na linguagem coloquial, nesse sentido, a escola deve agir, mostrando aos seus alunos a relação entre a língua e seu uso adequado em um contexto apropriado, e que seu uso fora desse contexto é estigmatizado socialmente. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.15), os alunos têm que estar conscientes que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa e que

essas formas alternativas têm propósitos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

Então devem ser observadas as situações de interação entre os falantes, ou seja, se é de forma escrita, exigindo um estilo mais formal, ou oral em um estilo informal. Como esse trabalho foi realizado em textos escritos, em uma situação de interação igual, ou seja, com alunos de uma mesma série, sendo monitorados pelo professor, e que, ainda por cima, seriam avaliados, exigindo deles o uso de uma linguagem mais formal, isso fez com que os resultados mostrassem um maior uso da variante padrão “*nós*”, em detrimento da variante não padrão “*a gente*”.

Já com relação à concordância com o verbo, foi verificado que das 84 ocorrências da forma “*Nós*”, 67 concordaram corretamente com o verbo e 17 não concordaram, e que das 38 ocorrências da forma “*a gente*”, 34 concordaram corretamente com o verbo, enquanto que 4 não concordaram. Assim como pode ser visto na **TABELA 2** abaixo.

TABELA 2. Análise das formas “*Nós*” e “*a gente*”, quanto à concordância verbal.

	Faz concordância	%	Não faz concordância	%
“<i>Nós</i>”	67	79,76	17	20,24
“<i>A gente</i>”	34	89,47	4	10,53

Ao se analisar os dados, foram levados em consideração os seguintes conceitos de concordância: o de Bechara (2004, p. 543), segundo o qual a concordância ocorre quando o sujeito concorda em número e pessoa com o verbo, e o de Perini (2009, p.186) que diz que concordância verbal é um sistema de condições de harmonizações entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações.

Com base nos textos analisados e na revisão da literatura, pudemos observar que há dois processos envolvidos no uso da forma não padrão, um morfossintático, no qual ocorre uma variação da regra de concordância verbal,

(...) “*Nós brincar*” (...)

E um fonológico, onde ocorre o apagamento do fonema /s/.

(...) “Nós brincamo” (...)

Nesse sentido, os dados mostraram que, das possibilidades para que ocorresse concordância entre o verbo e o pronome sujeito da 1ª pessoa do plural “Nós”, a maioria fez concordância segundo os padrões da Gramática Normativa, mostrando que os alunos têm um relativo conhecimento das regras de concordância e as aplicam durante uma escrita de texto escolar.

4.2. Análise das Respostas dos Alunos às Perguntas do Questionário

A variação linguística não é um tema muito discutido dentro das salas de aula durante o ensino de língua portuguesa, mas é muito comum a ocorrência destas, principalmente entre os jovens. Isso pode gerar preconceitos quanto ao uso de certas variações, ou a mudança que podem trazer consigo, como por exemplo, na concordância verbal. Segundo Bagno (2003), o reconhecimento da existência das variedades linguísticas é fundamental para o ensino da Língua Portuguesa. A partir daí, pensou-se neste trabalho como uma pesquisa que além de observar a frequência de variação entre as formas pronominais “nós” e “a gente” em textos escritos por alunos do 7º ano, poderíamos trazer a tona discussões acerca de provável preconceito quanto ao uso destas formas em variação, dentro de uma sala de aula.

Ao ser analisado o questionário, pode-se observar que dos 19 alunos que responderam o questionário, 15 disseram não saber o que é variação linguística, enquanto apenas 4 disseram que sabiam, como pode ser observado na **TABELA 3** abaixo.

Você sabe o que é variação linguística?

Respostas	Quantidade	%
Sim	4	21,05
Não	15	78,05

Tabela 3: Frequência de alunos que dizem ter ou não conhecimento do que é variação linguística.

Esses resultados corroboram a idéia de que esse tema, variação linguística, não vem sendo muito bem debatido em sala de aula, isso talvez pelo fato de os próprios professores não terem muito conhecimento sobre o assunto, já que esse tema só veio a ganhar maior importância com a implantação dos PCNs (parâmetros curriculares Nacionais para o ensino de língua portuguesa). Outra possibilidade é pelo fato de as gramáticas estarem presas às velhas tradições de ensino da língua, por isso muitas não abordam esse assunto, e quando o fazem, estes são deixados em segundo plano pelos professores.

Mesmo os alunos não tendo conhecimento do que é variação linguística, eles entendem que, ao escreverem algo, devem levar em consideração a situação em que estão inseridos e que os levaram a escrever. Dos 19 alunos, 13 que correspondem a 68,58% disseram que não escreviam um texto escolar da mesma forma como escrevem um bilhete para um amigo, enquanto que apenas 6 que correspondem a 31,58% disseram escrever da mesma maneira.

Você escreve um texto na escola da mesma forma que escreve um bilhete para um amigo?

Respostas	Quantidade	%
Sim	6	31,58
Não	13	68,42

TABELA 4: Frequência de alunos que escrevem ou não da mesma forma um texto escolar ou para um amigo.

Segundo Antunes (2003, p.52), às vezes, deve-se planejar e controlar cuidadosamente o modo de se expressar; outras vezes, pode-se usar uma linguagem mais informal. Nesse sentido, imaginamos que os alunos reconhecem essa diferença na hora da escrita, pois em uma sala de aula eles buscam escrever de uma maneira mais formal, segundo as regras ensinadas pelo professor, além de que lá eles têm a ideia de que estão em constante avaliação, já quando escrevem um bilhete para amigos tendem a ser mais informais, pois além de a situação não requerer essa formalidade, eles não têm a pressão escolar para escrever bem.

Fazendo uma correlação com o questionamento anterior, foi perguntado a eles qual seriam as diferenças entre os dois modos de escrever, o texto escolar e o

bilhete para um amigo. Segundo o que pode ser visto na tabela 5, dos 19 alunos da pesquisa, 2 disseram não ter diferença, 1 aluno explicou que é diferente por que *“um texto é para estudar e bilhete é para amigo”*, mais uma vez transparecendo na resposta, que há maneiras diferentes de escrever, dependendo da situação em que está inserido, percebendo assim a funcionalidade do texto, 1 aluno respondeu que *“na escola o professor não erra então eles também não erram, e em uma carta eles erram”*, demonstrando que escrevem diferente e procuram não errar, pois a sala de aula é um ambiente monitorado e por fim em uma resposta parecida com a anterior 1 aluno afirmou que *“é diferente por que na escola eles fazem o que o professor manda e para um aluno escrevem diferente”*.

Qual a diferença entre os dois?

Respostas	Quantidade
Não tem diferença	2
Porque o texto é pra estudar e bilhete é pra amigo	1
Porque o texto da escola é para o professor e o amigo é para amigo	1
Porque o professor não erra, então não erramos e em uma carta, erramos.	1
Na escola fazemos o que o professor manda e para um amigo escrevemos diferente	1
Não opinaram ou suas respostas não condizem com a pergunta	13

TABELA 5: Resposta dos alunos sobre a diferença entre o texto escolar e o bilhete para um amigo.

Segundo Bagno (2007, p.61), a noção de “erro” em língua tem a mesma origem das concepções de “certo” e “errado”, portanto, resultado de visões de mundo, de juízos de valor, de crenças culturais, de ideologias e é, por esse motivo, sujeita a mudança com o tempo. Essa noção de certo ou errado gera entre os usuários da língua, certo preconceito, e a partir daí pudemos observar, na análise dos questionários que dos 19 alunos, 16 acham que eles e seus colegas escrevem certo, já apenas 2 responderam que acham que eles e seus colegas escrevem errado. Para essa resposta um aluno não respondeu nada, deixando a questão em branco. Pode-se observar na tabela abaixo.

Você acha que você e seus colegas escrevem certo ou errado?

Respostas	Quantidade	%
Certo	16	84,21
Errado	2	10,53
Não opinaram	1	5,26

TABELA 6: Frequência de alunos que acham que eles e seus colegas escrevem certo ou errado.

Os 16 alunos que consideram escrever certo, o fazem por conhecer algumas regras gramaticais, e acreditam usá-las corretamente durante a escrita. Já 2 alunos responderam que acham que eles e seus colegas escrevem errado, possivelmente pelo fato de terem alguma dificuldade em aprender as regras gramaticais ou dificuldade na escrita.

Incluímos no questionário também a variação entre as formas pronominais “nós” e “a gente”, além das consequências para a concordância verbal, e nesse sentido indagamos aos alunos o que eles achavam de pessoas que escrevem as formas “*nós vai*” ou a “*gente fomos*”? Dos 19 alunos, 3 disseram que “*quem escreve assim é analfabeto*”, 2 disseram que “*estes escrevem errado*”, 1 outro respondeu que “*é devido a essa pessoa não ser inteligente*”, 2 alunos explicaram que “*estas pessoas são inteligentes, pois acham que eles escrevem certo*”, 1 aluno acha que “*eles escrevem certo*”, 1 outro aluno respondeu que “*uma pessoa que escreve assim precisa estudar mais para poder escrever certo*”, e 3 alunos responderam que “*acham normal, pois para eles cada pessoa escreve da maneira como quer*”. Estes resultados podem ser observados na tabela 7, abaixo.

O que você acha de alguém que escreve, “nós vai” ou “a gente fomos”?

Respostas	Quantidade	%
Analfabeto	3	15,79
Escreve errado	2	10,53
Não são inteligentes	1	5,26
São inteligentes	2	10,53
Escreve certo	1	5,26
Precisam estudar mais	1	5,26
Normal, pois cada um escreve como quer	3	15,79
Não responderam ou suas respostas não condiziam com as perguntas	6	31,6

TABELA 7: Respostas dos alunos sobre o que acham de alguém que escreve “nós vai” ou a “gente fomos”.

A concordância verbal, quando não usada da forma como ensinada nas aulas, pode gerar preconceito e isso pôde ser observado quando analisamos os dados da tabela 7 acima. O uso do pronome sujeito “*nós*” e do pronome sujeito “*a gente*”, implica também o uso da concordância verbal, pois estas se relacionam intimamente e, às vezes, esta é usada de uma forma diferente da preconizada pelas normas gramaticais.

Ao analisarmos as respostas dadas pelos alunos à pergunta sobre o que achavam de alguém que escreve utilizando as formas “*nós vai*” ou “*a gente vamos*”, identificou-se em algumas respostas, certo preconceito, alguns alunos responderam que se alguém escreve utilizando estas formas é porque é analfabeto, pois com uma visão limitada, eles entendem, possivelmente, que ser analfabeto é ser alguém que escreve errado, pois eles estigmatizam essas formas, tomando-as com preconceito.

Outros perceberam os erros de concordância nessas formas e disseram que os indivíduos que as usam escrevem errado. Outro aluno escreveu que as pessoas que usam essas formas, não são inteligentes, pois entende que, segundo as normas gramaticais, a concordância não está sendo feita de forma correta e, preconceituosamente, julga que estes o fazem por não serem inteligentes.

Outro aluno, demonstrando não conhecer as regras de concordância, escreveu que essas formas estão corretas e em decorrência disso quem as escreve é inteligente. Outro atribui o uso destas formas ao fato de estes não serem estudiosos, e dá uma solução para o aparente problema, ele acha que se a pessoa que escreve assim estudar um pouco mais consegue sanar essa dificuldade, que seria utilizar a concordância entre o pronome sujeito e o verbo, da maneira como ensinam os professores e as gramáticas.

Ainda levando em consideração a concordância verbal, indagou-se aos alunos o que eles acham de pessoas que utilizam as forma “*nós vai*” e “*a gente fomos*”, só que agora na fala, em uma conversa. Pudemos observar que as suas respostas para essa pergunta foram: 8 alunos acham que quem fala usando essas formas fala errado; 2 alunos responderam que quem fala assim está falando corretamente e, por fim, 3 alunos escreveram que falar assim é normal, pois as pessoas falam como querem.

E de alguém que fala usando essas mesmas formas?

Respostas	Quantidade
Fala errado	8
Fala certo	2
Normal	3
Não opinaram ou suas respostas não condizem com a pergunta	6

TABELA 8: Respostas dos alunos sobre o que acham de alguém que fala usando as formas “nós vai” ou “a gente fomos”.

Levando em consideração as respostas à pergunta anterior pudemos observar que as repostas a esta questão também seguem a mesma linha de raciocínio, pois, ao responderem que alguém que fala usando estas formas fala errado, eles levam em consideração o que aprenderam nas aulas com o professor, que ensina baseado em regras gramaticais, que estas formas, usadas dessa maneira, são erradas e que soam mal esteticamente, estigmatizando-as.

Outros responderam que as pessoas que falam assim falam certo. Estes devem estar baseados em observações dos falantes ao seu redor, haja vista que estas formas estão sendo muito utilizadas, principalmente pelos jovens, daí a idéia de que se muitos falam, é por que é correto. Por fim pudemos ver respostas de alunos que dizem que falar assim é normal, pois as pessoas falam como têm vontade, e essa posição pode nos remeter um pouco à noção de variação linguística, segundo a qual, cada região, cada comunidade, classe social e etc. têm uma maneira diferenciada de falar e que não está errada, partindo daí a noção de que as pessoas falam como quiserem, sem estarem cometendo erro.

Fez-se ainda um questionamento aos que escreveram que quem escreve assim está escrevendo errado e foi pedido que explicassem o porquê da sua resposta. Então, 1 aluno respondeu que está errado porque não é assim que se escreve, 2 alunos responderam que a pessoa que escreve as formas da questão anterior, escreve errado porque quer, já um outro aluno respondeu que escrevem errado porque são analfabetos, 2 responderam que escreve errado porque essa pessoa nunca estudou, e 1 aluno respondeu que a pessoa que escreve as formas citadas anteriormente, escreve errado, porque não estava concentrado.

Se responder errado, explique por que está errado.

Respostas	Quantidade
Por que não se escreve assim	1

Por que a pessoa quer	2
Por que ele é analfabeto	1
Por que ele nunca estudou	2
Por que ele estava desconcentrado	1
Não opinaram ou suas respostas não condizem com a pergunta	12

TABELA 9: Respostas dos alunos explicando o porquê de responderem a questão anterior como errada.

Para se tentar identificar possíveis preconceitos, foram elaboradas essas três questões, que se relacionam entre si, e que foram analisadas também se buscando estabelecer essa correlação. Podemos observar os resultados na tabela 9 acima e chegar à conclusão de que 1 aluno conhece as regras gramaticais, possivelmente aprendidas com os professores, na escola e tende a observar e a empregar corretamente a concordância. Outros dois alunos imaginam que as pessoas têm conhecimento de que o uso das formas “nós vai” e “a gente fomos” não segue as normas gramaticais, mas que as usam, porque exercem o seu livre arbítrio de usarem quando quiserem. 1 outro aluno respondeu que as pessoas escrevem errado, usando as formas debatidas na questão, porque são analfabetas, podendo ser percebido o preconceito embutido em sua resposta, pois para ele um simples erro de concordância é suficiente para que a pessoa seja considerada como analfabeta.

Outros dois acham que ele escreve estas formas porque nunca estudou, dando um tom preconceituoso à resposta, pois quem não sabe escrever, neste caso escreve errado, é porque nunca estudou. E um aluno respondeu que a pessoa escreve errado, ao usar as formas “nós vai” e “a gente fomos”, porque está desconcentrado, dando a entender em sua resposta que ele acha que as pessoas sabem a maneira que deve ser escrita, mas só escrevem assim porque estão desconcentradas e não percebem seu erro. Mesmo entendendo que o aluno erra por está desconcentrado, ele demonstra preconceito, pois considera essas formas erradas.

Quando indagamos os alunos sobre qual seria, para eles, a forma mais correta para ser usada em uma frase, “nós” ou “a gente”, obteve-se as respostas que podem ser vistas na tabela 10, na qual pudemos perceber que os alunos se dividiram quanto ao uso dessas variantes. Destes, 8 alunos relataram que a forma

mais correta a ser usada em uma frase é a forma “*nós*”, enquanto que 8 disseram que seria a forma “*a gente*”. Apenas 2 alunos responderam que o uso iria depender da frase em que fossem usar.

Para você, qual a forma mais correta para se usar em uma frase, “*Nós*” ou “*a gente*”?

Respostas	Quantidade
“ <i>Nós</i> ”	8
“ <i>A gente</i> ”	8
Depende da Frase	2
Não opinaram ou suas respostas não condizem com a pergunta	1

TABELA 10: Respostas dos alunos sobre qual é a forma mais correta para se usar em uma frase, “*nós*” ou “*a gente*”.

O pronome sujeito “*nós*” é muito utilizado em várias situações, mas é marcadamente escolhido para ser usado em textos, ou situações mais formais, enquanto o pronome sujeito “*a gente*” costuma ser mais utilizado em situações informais, mas apesar de ir contra vários estudiosos e gramáticos que não utilizam, ou tentam estigmatizar esta variante “*a gente*”, vários estudos apontam que durante uma escrita costuma-se utilizar o “*nós*” com mais frequência que o “*a gente*”, e este por sua vez, em falas, costuma ser mais usado.

A partir daí, tiram-se conclusões de que os que acham que em uma frase a forma mais correta é o “*nós*” entendem que em situações monitoradas, ou mais formais, devem usar o “*nós*”, que continua sendo considerada como variante padrão. Já aos que dizem que a forma mais correta é “*a gente*”, entendem que esse pronome sujeito pode muito bem substituir o pronome sujeito “*nós*”, sem prejuízo de entendimento, em qualquer situação que o couber. Mas ainda pudemos observar que dois alunos responderam que o uso de uma ou outra variante, depende da frase em que é colocada, ou seja, a situação.

Então, começou-se a observar as respostas dos alunos, quanto ao uso dessas formas em duas construções, “*Nós somos estudantes*” e “*A gente é estudante*”, saber quais dessas, para eles é a mais correta, então se obteve os seguintes resultados, expostos na tabela 11, onde 18 alunos responderam que acham que a

construção mais correta é “*nós somos estudantes*”, enquanto que 1 aluno responder que seria a construção “*A gente é estudante*”.

Entre as construções “Nós somos estudantes” e “A gente é estudante”, qual você acha que é mais coreta?

Respostas	Quantidade
Nós somos estudantes	18
A gente é estudante	1

TABELA 11: Respostas dos alunos sobre qual construção acham mais correta, “Nós somos estudantes” e “A gente é estudante”.

As respostas dos alunos mostraram que eles preferem utilizar a construção em que a variante padrão “*nós*” está sendo utilizada, demonstrando assim uma tendência ao uso de uma norma padrão nas salas de aula, na qual a forma “*nós*” é mais utilizada, por ser uma variante de prestígio, enquanto que um único aluno respondeu que a construção mais correta é a em que o pronome sujeito, “*a gente*” é utilizado. Possivelmente porque para ele o uso do “*a gente*” tem se tornado tão comum, que não importa a situação para seu uso.

Indivíduos cultos são aqueles que sabem escolher as melhores formas, para situações de linguagem adequadas, com isso perguntamos aos alunos se eles estivessem falando com uma autoridade ou escrevendo um documento para essa mesma autoridade, qual das duas frases eles usariam, se “*Nós somos estudantes*” ou “*A gente é estudante*”. Obteve-se respostas, que podem ser vistas na tabela 12 abaixo. Dos 15 alunos que responderam a questão, 14 disseram que usariam a construção “*Nós somos*”, enquanto que apenas 1 aluno respondeu que usaria a construção “*A gente é*”.

Se você estivesse falando com uma autoridade ou escrevendo um documento para essa mesma autoridade, qual das duas frases você usaria?

Respostas	Quantidade
Nós somos estudantes	14
A gente é estudante	1
Não opinaram ou suas respostas não condizem com a pergunta	4

TABELA 12: Respostas dos alunos sobre qual das duas construções usariam se estivessem falando com uma autoridade ou escrevendo um documento, “Nós somos estudantes” ou “A gente é estudante”.

O uso de uma linguagem mais formal, ou uma linguagem informal, depende da situação em que os alunos estão envolvidos, e estes devem saber escolher as formas mais adequadas. Nesse sentido, pode-se observar nas respostas dos alunos que eles entendem isso, pois a maioria reconhece que esta seria uma situação mais formal e usariam uma variante de prestígio, o “*nós*”. No que se refere ao aluno que respondeu que usaria a frase em que se emprega a variante “*a gente*”, pode supor que essa variante está sendo tão utilizada nas situações de linguagem, tanto na fala quanto na escrita, que o aluno passa a não reconhecer a diferença entre o uso de uma ou outra variante, ou as situações em que são mais empregadas. Essas noções de certo ou errado e de norma padrão ou norma culta, geram preconceitos, e nesse sentido esses resultados concordam com Bagno (2007, p.61), que discute a noção de “erro” em língua, para auxiliar na explicação sobre o preconceito linguístico.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemo-nos a analisar a variação entre os pronomes “*nós*” e “*a gente*” nos textos escritos por alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental do Ginásio Municipal na cidade de Sussuapara-Pi.

Entendendo-se que a variação linguística é um fenômeno natural da língua, que ocorre em diferentes classes sociais e em diferentes comunidades, e levando-se em consideração a heterogeneidade da língua dentro de uma mesma comunidade de fala, e que o ensino da língua materna deve contemplar o fato de que diversidade linguística é elemento imprescindível para o funcionamento e a evolução das línguas, para a construção da identidade dos falantes e sua expressão cultural, e que, além disso, possibilita aos falantes a versatilidade no modo de falar.

Os professores são responsáveis por trabalharem para que os alunos, ao fazerem a escolha entre as variantes “*nós* e *a gente*”, da nossa pesquisa, possam fazê-la, observando as situações de fala ou escrita em que estão envolvidos. Percebemos também que a concordância verbal sofreu consequência nas alternâncias das variantes em estudo, pois segundo Bechara (2010) o uso do “*nós*” proporciona a flexão do verbo no plural e o uso do “*a gente*” condiciona o uso do verbo no singular.

Diante da perspectiva de que os professores de Língua Portuguesa devem ter a consciência da sua responsabilidade para com o ensino, imaginando que este tanto pode revigorar, quanto inibir o preconceito linguístico, então se procurou entender, através de um questionário, se o uso dessas variações “*nós*” e “*a gente*” poderia gerar, de alguma forma, preconceito dentro de uma sala de aula. Os resultados levam-nos a crer que o preconceito relacionado ao uso das variantes em estudo faz parte da prática diária desses alunos.

Além disso, essas variantes, “*nós*” e “*a gente*”, fazem diferença na concordância e na flexão do verbo, pois o “*nós*”, pelo menos em relação a escrita, para os alunos, é a variante mais valorizada do que o “*a gente*”, demonstrando, assim, uma conduta de preconceito em relação ao “*a gente*” e a falta de concordância, o que demonstra que eles relacionam a não concordância a pessoas analfabetas ou sem escolaridade.

O presente trabalho analisou a frequência de uso dos pronomes sujeito “*nós*” e “*a gente*”, além de verificar a concordância verbal decorrente do uso destes

pronomes e discutir o preconceito linguístico envolvido com o uso dessas variantes e da concordância. E ao atingirmos esses objetivos conseguimos confirmar a hipótese de que o substantivo coletivo “*a gente*”, usado com função de pronome sujeito constitui uma nova forma de expressão do cotidiano, sendo usado em substituição ao pronome sujeito “*nós*”.

Confirmamos também a hipótese de que a análise de dados de escrita de alunos do 7º ano do Ginásio Municipal de Sussuapara nos mostra que, nos textos escritos, a variante “*nós*” é usada com maior frequência do que “*a gente*”. Em contrapartida não se comprovou a hipótese de que a variação entre os pronomes sujeito “*nós*” e “*a gente*” em dados de escrita de alunos teria influencia sobre a concordância verbal, pois alunos tem a noção do significado de plural e da marca do plural e, com isso, conseguem fazer concordância gramatical, ou seja, eles a fazem, pela noção de certo ou errado, que aprenderam na escola, que trabalha a língua vinculada a esta noção.

Não conseguimos também comprovar a hipótese de que a variação linguística entre os pronomes sujeito “*nós*” e “*a gente*” geraria preconceitos na prática diária dos alunos, isso porque imaginávamos que por serem formas de largo usos, utilizadas nas grandes mídias e até em situações formais de comunicação, não seriam tratadas com preconceito, mas pudemos perceber que o “*a gente*” ainda não é totalmente aceito na escrita daqueles alunos, apesar do seu largo uso na fala, inclusive, na fala formal.

Então, podemos dizer que esse trabalho vem contribuir, de forma significativa, com o estudo linguístico que contempla fenômenos de variação, além de proporcionar uma maior compreensão desta, nesta região. Auxilia também no tratamento dessas variantes, “*nós*” e “*a gente*”, na escrita de alunos da cidade de Sussuapara – PI. Com isso, possibilita que outros pesquisadores façam trabalhos comparativos das escritas de alunos de escolas de outras cidades, ou outros estados, compartilhando dados e experiências sobre a variação “*nós*” e “*a gente*” e suas consequências no plano sintático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÁN, Maria dei R. e FREITAS, J. ***Eu, você et alia em três diálogos***. Estudos Linguísticos e Literários. N. 11. Salvador: UFB A - Instituto de Letras, 1991. p. 25 - 38.

_____. **Nós ou a gente?** In: Estudos linguísticos e literários. N. 11, Salvador, UFBA, 1991a.p. 75-89.

_____. **Nós e a gente em elocuições formais**. In: Estudos linguísticos e literários. N. 11. Salvador, UFBA/IL, ago. 1991b. p. 91-102

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Ana Cristina. **Introdução a Linguística: Domínios e Fronteiras**. 2ª Ed.- São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE JUNIOR, João Faustino. **Revista Conhecimento Prático em Língua Portuguesa**. Vamos Estar Analisando. São Paulo. Edição nº30, maio 201, p. 38-43.

ANTUNES, Irandé Costa. **Particularidades sintático-semânticas da categoria de sujeito em gêneros textuais da comunicação pública formal**. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desiree (org.). **Gêneros Textuais**. Capítulo 9. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. *Por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 1961.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Nada na Língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Ed. Lucerna, 37ª edição, 1999.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **Gramática escolar da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição, 2010.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral, (tradução portuguesa).** São Paulo: Nacional, 1976.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Problemas de comunicação interdialetoal.** Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.78-79, p.9-32, jul-dez, 1984.

_____. **The urbanization of rural dialect speakers.** A sociolinguistic study in Brazil. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

_____. **Por uma sociolinguística militante.** In: Bortoni-Ricardo. S. M. **Educação em língua maternal: A Sociolinguística na Sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita.** In: GORSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua.** Florianópolis: EdUFSC, 2006, p.267- 276.

BRAGGIO, Silva Lucia Bigonjal. **Contribuições da Linguística para o ensino de línguas.** Goiânia: Ed. UFG, 1999.

BRAM, J. **Linguagem e sociedade.** Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 29.

CAGLIARI, Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 2000.

CALDAS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 4. ed. RJ: Delta, 1958.

CASTILHO, Ataliba T. de. “**A gramaticalização**”. Estudos Linguísticos e literários, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFBA, 1997, p. 10:19:25–64.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editor Contexto, 2010.

COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito**: correlações entre função (ões)-forma (s) em tempo real e aparente. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CUNHA, C. F. & CINTRA. L. F. L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FARACO & MOURA. **Gramática**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIGUEROA, Ester. **Metateoria Sociolinguística**. Oxford: Pergamon, 1996.

GUY, Gregory R. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese**: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1981. Tese de doutorado.

IASBECK, Luiz Carlos. **A arte dos slogans: as técnicas de construção das frases de efeito do texto publicitário.** São Paulo: Annablume, 2002.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of linguistic change – Social factors.** Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LOPES, C. R. dos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil.** Dissertação de mestrado em língua portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1993.

LUCCHESI, D. **Norma linguística e realidade social.** In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma.* São Paulo: Loyola, 2002.

MACHADO, M. dos S. **Sujeitos pronominais nós e a gente: variação em dialetos populares do Norte fluminense.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1995. 260fl. Dissertação de mestrado em língua portuguesa.

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do Brasil.** Revista Letras, Curitiba, n.º 44, 1995, p.91-106.

_____. **Analyse sociolinguistique de indétermination Du sujet dans le portugais parlé au Brésil a partir des données du NURC - SP.** Tese de Doutorado, Universidade Paris 7, 1994.

_____. **Usos do pronome sujeito de 1.ª pessoa: uma análise sociolinguística.** Tese apresentada e aprovada no Concurso para Professor Titular, no Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas. Curitiba, UFPR, 1996.

MOLLICA, M. C. et alii. **Introdução à Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov.** Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

NARO, A. J., GÖRSKI, E. & FERNANDES, E. Change without change. **Language Variation and Change**. New York, v. 11, n.2, p.197-211, 1999.

OMENA, Nelize Pires de. A referência a primeira pessoa no plural. In SILVA, Giselle Machline de O. E SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 311-323.

OMENA, N. P. & BRAGA, L. M. (1996): “**A gente está se gramaticalizando?**”, in: MACEDO, A. T., RONCARATI, C. & MOLLICA, M. C. (org.): **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp.75–84.

PERINI, M. A. **Os dois mundos da expressão linguística**. In: _____. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PERINI, Mário Alberto. **Princípios de Linguística Descritiva**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

RODRIGUES, Ângela C. S. **Língua e contexto sociolinguístico: concordância verbal no português popular de São Paulo**. Publicação do Curso de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara, UNESP- Campus de Araraquara, n. 2, p.153-171,1992.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: **Language: the sociocultural context**, v. IV, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições com mais de 1770 exercícios**. São Paulo: Ática, 1995.

SIGNORINI, Inês. **Língua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Aluno (a) _____

1. Você sabe o que é variação linguística?

() SIM () Não

2. Você escreve um texto na escola da mesma forma que escreve um bilhete para um amigo?

() SIM () Não

Qual a diferença entre os dois?

3. Você acha que você e seus colegas escrevem certo ou errado?

CERTO () ERRADO ()

4. O que você acha de alguém que escreve “nós vai”, ou “a gente fomos”?

4.1. E de alguém que fala usando essas mesmas formas?

4.2. Se responder errado, explique por que está errado.

5. Para você, qual a forma mais correta para se usar em uma frase, Nós ou a gente?

6. Entre as construções “Nós somos estudantes” e “A gente é estudante”, qual você acha que é mais coreta?

7. Se você estivesse falando com uma autoridade ou escrevendo um documento para essa mesma autoridade, qual das duas frases você usaria “Nós somos estudantes” ou “A gente é estudante”?



ANEXOS
QUESTIONÁRIOS E TEXTOS

QUESTIONÁRIO

Aluno (a) _____

1. Você sabe o que é variação linguística?

 SIM Não

2. Você escreve um texto na escola da mesma forma que escreve um bilhete para um amigo?

 SIM Não

3. Qual a diferença entre os dois?

4. Você acha que você e seus colegas escrevem certo ou errado?

certo _____

5. O que você acha de alguém que escreve "nós vai", ou "a gente fomos"?

uma pessoa analfabeta _____

6. E de alguém que fala usando essas mesmas formas?

errado _____

6.1. Se responder errado, explique por que está errado.

porque ele nunca estudou _____

7. Para você, qual a forma mais correta para se usar em uma frase, Nós ou a gente?

NÓS _____

8. Entre as construções "Nós somos estudantes" e "A gente é estudante", qual você acha que é mais correta?

Nós somos estudantes

9. Se você estivesse falando com uma autoridade ou escrevendo um documento para essa mesma autoridade, qual das duas frases você usaria?

Nós

QUESTIONÁRIO

Aluno (a) _____

1. Você sabe o que é variação linguística?

 SIM () Não

2. Você escreve um texto na escola da mesma forma que escreve um bilhete para um amigo?

 SIM () Não

3. Qual a diferença entre os dois?

por que na escola o professor não comete erro e a gente não erra. Já quando a gente está escrevendo um texto erramos algumas palavras

4. Você acha que você e seus colegas escrevem certo ou errado?

alguns sim e alguns não

5. O que você acha de alguém que escreve "nós vai", ou "a gente fomos"?

eu acho que de está errado. errado o certo é "nós vamos" e "nós fomos"

6. E de alguém que fala usando essas mesmas formas?

que eles estão errado.

6.1. Se responder errado, explique por que está errado.

por que "vai" está no singular e plural e "fomos" está no plural e passado

7. Para você, qual a forma mais correta para se usar em uma frase, Nós ou a gente?

a gente fomos.

8. Entre as construções "Nós somos estudantes" e "A gente é estudante", qual você acha que é mais correta?

nós somos estudantes

9. Se você estivesse falando com uma autoridade ou escrevendo um documento para essa mesma autoridade, qual das duas frases você usaria?

nós somos estudantes

Yeto Sobre um Passado

Pro uma vez eu tinha amiga Vanessa. Fomos pra São Paulo
 Lá a gente brincou no Pondal. Fomos pra Ricna. Fomos para Parecida
 de Norte. Lá a gente brincou. Fomos pra uma lancheada
 do Pai a gente foi pro Hotel na mudança e colunas muitas
 coisas legais.

Quando a gente tinha a gente brincamos de bicicleta de
 banco e no Domingo fomos para um aniversário
 de uma amiga pra casa da minha tia. Lá a gente brincamos
 mais fomos pra igreja de lá a gente foi pra um Paróqui
 Lá a gente brincou e depois fomos dar um e mais Segunda
 fomos pra Picos fazer compras e depois fomos pra casa
 de um amigo muitas coisas da Póseca.

no Sábado Santa fomos almoçar na casa da minha
 tia depois a gente foi na casa da minha tia mais fomos
 de Pro casa de minha prima de lá mais fomos pra
 casa de meu Padrinho e depois mais fomos na casa
 do irmão da tia depois a gente foi jantar na casa
 da minha tia.

pra Segunda a gente foi pra escola. Quando a gente
 chegou da escola mais fomos pra um aniversário de lá a gente
 foi pra minha casa e lá a gente se arrumou e foi pra
 casa da minha prima dar um lá a gente brincou
 muito.

no outro dia quando a gente chegou da escola eu fui
 dar um lá foi muito legal a gente andou de bicicleta
 pulamos elásticos brincamos de amarelin e depois
 a gente foi pra casa de uma outra amiga lá a gente
 dançou e se divertiu muito.

eu e Vanessa sabemos muitas coisas e gostamos muito
 da nossa amizade muito. Vai acabar.

♥ PRINCESS ♥



texto

ai eu sou zé e gosto muito de jogar futebol
 no domingo, ~~eu~~ e meus amigos vamos
Todos jogar bola, ~~mas~~ as vezes vamos a piscina
 no domingo. As vezes ~~no~~ vamos a praia para
a gente tomar um bom banho ~~no~~ vamos jogar
 jogo de dama e também as vezes ~~no~~ vamos
 bucar de rede. Piaçã já abrimos o Piaçã do meu a-
 migo José, eu venho para a escola no tardes pa-
 ra que ~~no~~ podemos fazer lição de casa ~~no~~ fazemos
 muito divertidos. Quando a gente termina de
 fazer o trabalho da escola ~~no~~ vamos para a no-
 ssa casa, quando ~~no~~ chegamos em casa ~~no~~ vamos
 nos divertir, mas só que tive uma vez que jogamos
 jogar bola e um dos meus amigos quebrou o ch-
 do aí foi pra casa chorar o dolo dele, mas só que ele se
 recuperou rápido e hoje ~~no~~ jogamos bola alegre e
 contente.

~~no~~ vamos lá for gostamos muito de ajudar uns
 aos outros e como sempre a gente vai jogar videogame
 vídeo game no meu vídeo game ~~no~~ gostamos de
 ir ao Parque de diversões ~~no~~ gostamos muito de brincar
 na barca e na roda gigante e os oito a no 12 horas
 da noite ~~no~~ gostamos muito de assistir TV como
 desenho, no vídeo e também jogo de futebol, essa
 é a minha vida com os meus amigos.

eu fui a festa com meu amigo da primeira bonê
conhecim muito com muito depois nao fomos para a
patina la terei muito breca deo comendo muito comi
da com meu amigo de pai ~~nao~~
me auto dia nao viajamos pro porque la nao
andamos com meus brinquedos nao como com
estadio de futebol la terei uma briga no
eu fui em casa de pai cheguei em pai pra escola

um dia eu e minha familia
 fomos para a piscina
 eu e minha mãe e meu primo e
 e minha prima e meu amigo e
 meu tio e minha tia los na briga
na de pega pega e outras brincadeiras
 e comemos batatas fritas e peixe
 e bolo de leite e o tio trouxe
 bebida lala lala e sorvete

e de pai (me) fomos para uma
 festa de aniversário de meu
 amigo que se chama Samuel, que se
 briga me muito



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, Maria Natalice de Moura Carvalho, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A VARIAÇÃO ENTRE “NÓS” E “A GENTE” NOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA CIDADE DE SUSSUAPARA-PI, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 11 de Abril de 2016.

Assinatura manuscrita em azul da Maria Natalice de Moura Carvalho.

Assinatura

Assinatura